



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Violência Doméstica em Casais
Homossexuais Masculinos**

Orientador de Dissertação:

PROF.^ª DOUTORA ÂNGELA VILA REAL

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF.^ª DOUTORA ÂNGELA VILA REAL

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do
grau de:**

MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA

2014

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Psicologia na área de
especialização Psicologia Criminal realizada sob a
orientação da Professora Doutora Ângela Vila Real, apresentada
no ISPA – Instituto Universitário no ano de 2014.

Resumo

Este projeto pretende focar-se na dinâmica de violência doméstica entre casais homossexuais masculinos. Serão abordados alguns conceitos de violência doméstica, bem como de teorias psicodinâmicas e sociais ligadas à vinculação, ao trauma, ao controlo e ao exossistema. Também serão analisados aspetos como a dinâmica da violência doméstica, e características e estatísticas da violência entre casais homossexuais. Stressores motivadores de violência e tipos de violência entre casais são também pontos relevantes neste projeto. Desta forma, o projeto em questão pretende analisar qual o tipo de violência e estratégias que estão mais presentes em casais homossexuais masculinos, bem como a influência de características demográficas no tipo de violência. Também é abordada a questão do stressor consciencialização do estigma estar ou não relacionado com a permanência no casal homossexual masculino.

Palavras-Chave: homossexualidade, violência doméstica, tipos de violência

Abstrat

This project intends to focus on the dynamics of domestic violence between gay male couples. Some concepts of domestic violence, as well as psychodynamic and social theories related to attachment, trauma, control and exosystem it will be addressed. Aspects such as the dynamics of domestic violence, and statistics and characteristics of violence among homosexual couples will also be analyzed. Stressors of violence and types of intimate partner violence are also relevant points in this project. Thus, the project aims to analyze which type of violence and strategies that is more common in male gay couples, as well as the influence of demographic characteristics on violence. Another point is the question of stressor stigma consciousness that may be related to the wish of the victims to stay in a violent relationship.

Key-words: homosexuality, domestic violence, types of violence

Índice

Introdução.....	Pág. 1
I. Conceito de Violência Doméstica.....	Pág. 2
II. Teorias Psicodinâmicas e Sociais	
1. Teoria Psicodinâmica da Vinculação.....	Pág. 2 a 7
2. Teoria Psicodinâmica da Violência como Trauma.....	Pág. 7 e 8
3. Teoria Social de Controlo.....	Pág. 8
4. Teoria Social do Exosistema.....	Pág. 9
III. Ciclo da Violência Doméstica.....	Pág. 9 a 11
IV. Violência Doméstica nos Homossexuais	
1. Estatísticas e Características.....	Pág. 12 a 14
2. Factores de Stress Promotores da Violência Doméstica.....	Pág. 14 a 17
V. Tipos de Violência: Violência Situacional no Casal e Terrorismo Íntimo.....	Pág. 18 a 20
VI. Projeto de Investigação	
- Questões de Investigação.....	Pág. 21
- Método	
1. Delineamento do Projeto.....	Pág. 21 e 22
2. Amostra.....	Pág. 22
3. Instrumento.....	Pág. 22 a 24
4. Procedimento.....	Pág. 24
- Resultados Possíveis.....	Pág. 24 e 25
Referências.....	Pág. 26 e 28
Anexos	

Introdução

Este projeto de investigação centra-se no problema da violência doméstica entre casais homossexuais masculinos.

Para compreendermos melhor do que trata a violência doméstica, serão definidos alguns conceitos, bem como teorias psicodinâmicas e sociais, que vão desde a teoria da vinculação, à teoria da violência como trauma, à teoria do controlo e do exossistema.

Também será descrita a dinâmica da violência doméstica, bem como estatísticas e características da violência doméstica em homossexuais e, mais pormenorizadamente, de homossexuais masculinos.

A acrescentar a estes aspetos, ainda serão descritos os fatores de stress que estão envolvidos nas relações homossexuais, bem como os tipos de violência existentes nos casais com problemas de violência doméstica.

Deste modo, o objetivo deste projeto centra-se em perceber a dinâmica da violência doméstica num casal homossexual masculino, visto ser um tema ainda com muitas limitações empíricas.

Este projeto pretende dar a conhecer uma via de investigação ainda pouco ou nada estudada, de forma a que possamos encontrar alternativas mais fiáveis e ajustadas no apoio às vítimas homossexuais masculinas de violência doméstica.

Para isso, este projeto centrar-se-á em dois tipos de violência, o terrorismo íntimo e a violência situacional e nas estratégias psicológicas e físicas. Pretende-se encontrar, portanto, um padrão de violência nos casais homossexuais masculinos, segundo a variável estatuto da relação.

Violência Doméstica em Casais Homossexuais Masculinos

I. Conceito de Violência Doméstica

A Violência Doméstica poderá ser caracterizada como um comportamento ameaçador, abusivo ou violento entre dois adultos que mantêm ou mantiveram um relacionamento, ou entre membros de uma família, que afeta qualquer pessoa independentemente do seu gênero ou orientação sexual (Home Office, s.d., cit. por Nowinski & Bowen, 2011). A mesma fonte refere que a violência doméstica poderá ser psicológica, física, sexual ou emocional (Johnson, Leone, & Cohan, 2007).

Para outros autores, a violência doméstica pode ser definida como um ato com intenção de causar dano físico ou dor a um membro familiar, sendo que essa violência poderá ser definida sobre várias formas, como bater com um objeto, empurrões, violação sexual, pontapear, beliscões e abuso psicológico, verbal e emocional (Margolies & Leeder, 1995, p. 139).

Segundo a APAV (2008) – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – o conceito de violência doméstica passa por qualquer conduta ou omissão criminal, que implique sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos que sejam infligidos de forma direta ou indireta a qualquer pessoa que resida na mesma habitação ou, caso não resida, que seja companheiro/a ou ex-companheiro/a, cônjuge ou ex-cônjuge, namorado/a ou ex-namorado/a, ou progenitor/a por adoção, consanguinidade ou afinidade. De acordo com a mesma associação, a violência doméstica também ocorrer em casais do mesmo sexo.

II. Teorias Psicodinâmicas e Sociais

1. Teoria Psicodinâmica da Vinculação

A vinculação é definida como uma ligação recíproca que se desenvolve durante o laço emocional entre o bebé e a figura de vinculação, sendo que as duas partes contribuem de forma ativa na promoção de qualidade na relação (Papalia, Olds & Feldman, 2010, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

Segundo esta teoria, um bebê desenvolve um modelo primário sobre o qual poderá ser o comportamento expectável da figura de vinculação. Se essa mesma figura de vinculação responde de um modo expectável segundo o modelo criado pelo bebê, esse mesmo modelo mantém-se. Porém, se as respostas da figura de vinculação forem frequentemente imprevisíveis, o bebê vê-se obrigado a rever o seu modelo primário, sendo que também a segurança da vinculação terá de mudar (Bowlby, 1951; Ainsworth, 1967, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

De acordo com uma perspectiva mais evolucionária podemos explicar este comportamento entre o bebê ou a criança e a figura de vinculação como um ato de sobrevivência, através da aproximação dos dois, principalmente em situações de ameaça. Se uma figura vinculativa responder às necessidades da criança, dando contacto e segurança, o comportamento vinculativo cessa e a criança aprende que as relações de vinculação lhe transmitem um sentido de segurança ou porto seguro (Bowlby, 1969, 1988).

Deste modo, uma criança que possua uma vinculação segura pode explorar o ambiente que o rodeia, mas, quando se sente ameaçada, automaticamente o comportamento vinculativo é ativado e a criança procurará a segurança da figura vinculativa (Holmes, 2000, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012). Desta forma, o medo e a incerteza, na criança, provocam a ativação do sistema comportamental de vinculação, sendo que, quando este falha, a probabilidade da separação e o stress ocorrerem são maiores (Bowlby, 1988).

Assim sendo, uma criança constroi uma representação a partir do seu modelo interno que é baseado nas suas experiências e percepção que têm da capacidade, disponibilidade e boa vontade da figura de vinculação, na promoção de cuidado e proteção (Bowlby, 1973, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012). Com o tempo, a criança terá a capacidade de elaborar e utilizar representações simbólicas de figuras vinculativas que lhe foram importantes, de forma a sentir-se segura sem que tenha necessidade de que as mesmas estejam presentes em momentos de maior insegurança. No entanto, nem sempre estas vinculações são positivas (Papalia, Olds & Feldman, 2010, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

Bowlby (1969) refere que qualquer ameaça à acessibilidade ou disponibilidade de uma figura de vinculação pode levar a vinculações com características ansiogénicas e à ativação de determinados comportamentos de protesto. Segundo o mesmo autor, um exemplo claro de um comportamento deste tipo é a raiva que, por ser funcional, permite que a criança mantenha o contacto com a figura vinculativa. Desta forma, quando uma criança se sente ameaçada com a perda de uma figura de vinculação, é provável que a mesma expresse raiva de forma a encorajar a sua figura vinculativa, a aumentar a proximidade na relação com ela. Porém, a

raiva poderá levar com que a figura de vinculação se distancie de um nível aceitável de proximidade na relação com a criança, no futuro. Neste caso, a raiva tornar-se-á então disfuncional, o que explica as relações violentas entre casais na fase adulta (Bowlby, 1969). Posto isto, modelos de vinculação inseguros tendem com que os indivíduos recriem padrões de insegurança nas suas relações, na fase adulta (Henderson, Bartholomew, Trinke, & Kwong, 2005).

Bartholomew, et al., (2005) e Bartholomew & Horowitz (1991), baseando-se na teoria de Bowlby (1969), desenvolveram um modelo bi-dimensional de vinculação, aplicado a adultos, que se conceptualiza em torno de duas dimensões: a positividade ou negatividade do modelo de si próprio e do modelo do outro tendo em conta os modelos internos dinâmicos dos indivíduos. Desta estrutura bi-dimensional surgem quatro categorias de vinculação: seguro, preocupado, amedrontado e desinvestido. Estas categorias correspondem a quatro padrões de regulação emocional e de comportamento relacional afetivo.

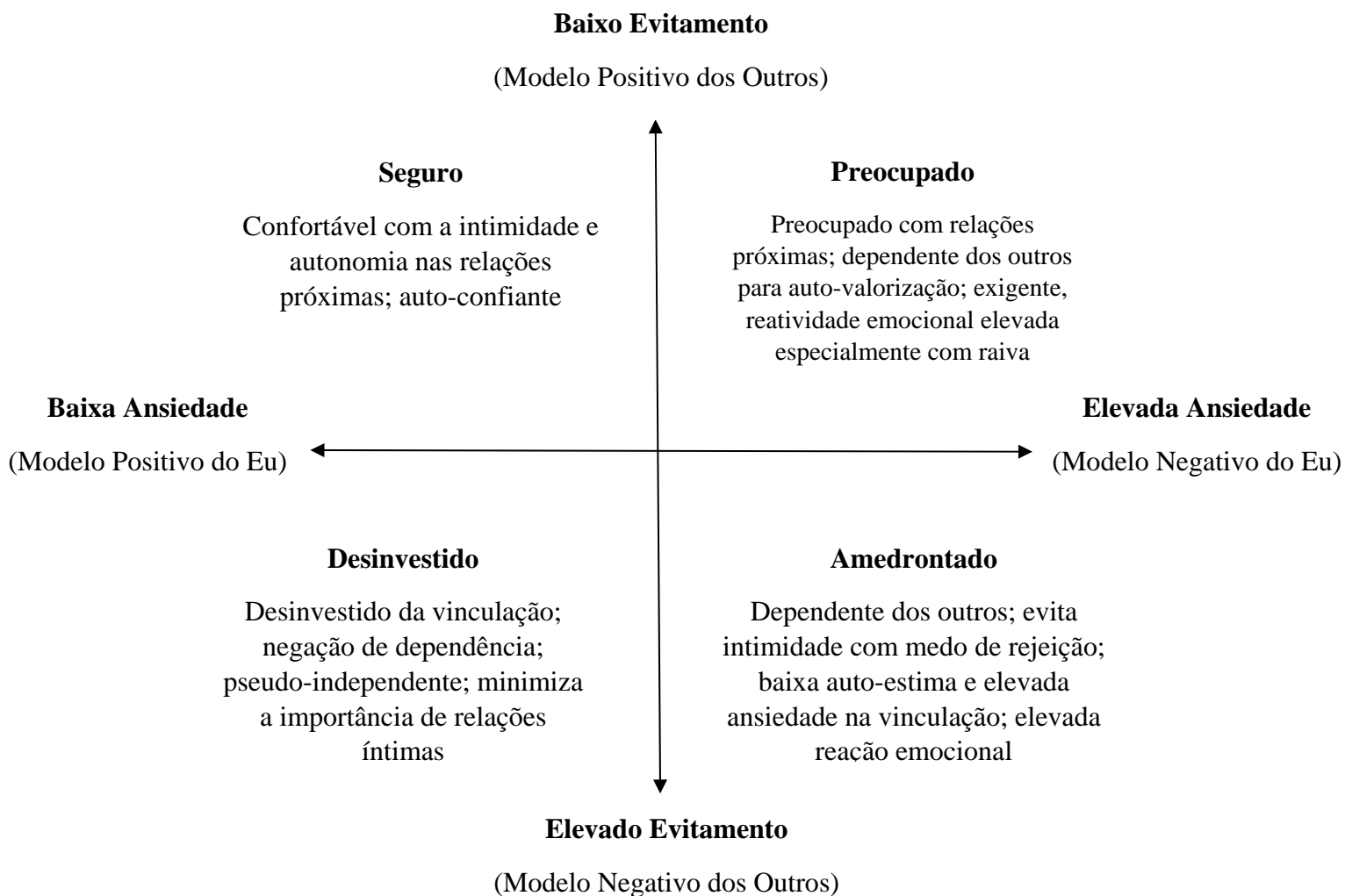


Fig. 1. – Modelo de vinculação bi-dimensional de Bartholomew, et al., (1991, 2005).

Como podemos ver e de acordo com a Fig. 1, os indivíduos com vinculações mais seguras tendem a ter menor grau de ansiedade e evitamento nas suas relações afetivas e também com ideias mais positivas acerca do seu “eu” e dos outros. Por outro lado, os indivíduos com vinculações de tipo amedrontado apresentam maiores níveis de ansiedade e evitamento nas suas relações amorosas, tentando, contudo, procurarem uma maior proximidade emocional nas mesmas relações, que acaba por não ser bem-sucedida devido ao medo de rejeição (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Os indivíduos com uma vinculação segura revelam elevados níveis de auto-confiança, coerência no discurso, proximidade emocional positiva e elevada intimidade nos seus relacionamentos. Por outro lado, a vinculação de tipo amedrontado caracteriza-se pelos baixos níveis de auto-estima, elevada auto-consciência nas relações e evitamento na intimidade devido ao receio de rejeição. Já os indivíduos que se integram num tipo de vinculação preocupado, demonstram preocupação nos seus relacionamentos, idealização e incoerência na discussão no seio destas relações e possuem uma elevada dependência dos outros face à sua auto-valorização, tendendo a ter uma abordagem direcionada essencialmente para os relacionamentos. Por último, nos indivíduos com vinculações desinvestidas, os seus discursos são pobres e incoerentes, elevada auto-estima, desinteresse na valorização dos relacionamentos, evitamento constante da intimidade e auto-confiança compulsiva (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Deste modo, a transmissão das expectativas conjugais parentais é mediada pela qualidade de vinculação (Shulman, Rosenheim & Knafo, 1999, cit. por Guedes, 2007). Por isto, a vinculação de tipo insegura parece estar correlacionada com uma visão mais negativista que o indivíduo desta categoria tem perante as suas relações íntimas. Por outro lado, as expectativas mais positivas e irrealistas nas relações amorosas parecem estar ligadas a um tipo de vinculação segura (Edgington, 1996, cit. por Guedes, 2007).

Outra teoria é a de Fonagy (1999), cit. por Standish (2012), que aborda o conceito de mentalização como um mecanismo com o qual, implícita e explicitamente, interpretamos ou entendemos as nossas ações e as dos outros de forma significativa, com base em estados mentais intencionais.

De acordo com o mesmo autor, os indivíduos que se integrem num tipo de vinculação amedrontada e desorganizada, possuem fraca capacidade de mentalização, tendo como consequência uma separação moral do seu próprio comportamento, permitindo com que se instale uma vinculação de raiva que o tornará agressivo.

Bowlby (1988), ainda correlaciona a sua teoria de vinculação e a violência doméstica. Segundo este autor, os relacionamentos tendem a tornarem-se violentos, sendo que cada parceiro se encontra profundamente vinculado ao outro, embora de forma ansiogénica, e procuram construir uma estratégia para controlar o outro parceiro, de forma a mantê-lo dentro da relação, evitando que este o deixe.

Segundo o mesmo autor, qualquer ameaça aos laços emocionais pode desencadear o aparecimento de ansiedade, raiva e medo da própria capacidade de sobreviver no seio da relação, sendo que estes aspetos, estando presentes na infância, estender-se-ão em futuras relações na idade adulta.

Dentro do mesmo tema da violência doméstica, Bartholomew, et al., (2005) identificou três padrões de vinculação em casais com violência doméstica: a primeira categoria centra-se quando os dois parceiros se enquadram no género de vinculação preocupado, que se caracterizam por terem um relacionamento bastante volátil e conflituoso, e consequentemente abusiva; em segundo lugar, temos a parceira com um tipo de vinculação amedrontada/desorganizada com um parceiro com a categoria de preocupado; por último temos as parceiras com um tipo de vinculação preocupado e os parceiros com uma categoria de amedrontado/desorganizado.

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, as vinculações de tipo preocupado, que estejam vinculadas em qualquer um dos casais, terão uma maior probabilidade de ocorrer, no seio da relação, qualquer género de violência (Henderson, 2005, cit. por Standish, 2012). O padrão de vinculação mais comum nos homens é o preocupado, sendo também aqueles que usam mais técnicas coercivas, como o poder e controlo sobre a vítima, isolamento social e retirada de poder económico (Bartholomew, et al, 2005; Bowlby, 1998; Kesner, Julian & McKenry, 1997; Chornesky, 2000; Fonagy, 1999; Lawson, 2003; Henderson, 2005; Gromley, 2005; Schacner, 2006, cit. por Standish, 2012).

Bartholomew, et al., (2005) refere ainda que a força de vinculação, numa relação abusiva, não está correlacionada com a qualidade dessa mesma relação. Dito isto, poder-se-á entender o motivo por que os casais que experienciam formas de abuso nas suas relações têm elevados níveis de ansiedade, quando se separam da sua figura de vinculação, neste caso, o parceiro, principalmente se tiverem um tipo de vinculação preocupado.

O mesmo autor refere que o agressor, na relação, frequentemente expressa a sua raiva, na tentativa de ganhar a proximidade com a sua figura vinculativa, quando as suas necessidades não são satisfeitas. Porém, para os indivíduos com tipos de vinculação

desinvestido acontece o oposto, sendo que promovem um afastamento de segurança com a figura de vinculação.

2. Teoria Psicodinâmica da Violência como Trauma

Esta teoria tem contribuído para um melhor entendimento acerca de como os indivíduos incorporam os mecanismos internos na estrutura da sua personalidade e como essas defesas afetam os seus relacionamentos futuros (Fine, 1990; Herman & Kolk, 1987; Landecker, 1992; Rieker & Carmen, 1986; Gunderson & Sabo, 1993; Kluft, 1991, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

De acordo com esta teoria, a vítima de violência doméstica experiencia os episódios de abuso como traumáticos, acabando por se assemelharem com as vítimas que sofrem de stress pós-traumático (Putnam, 1989; Spiegel, 1984; Kolk, Perry, & Herman, 1991, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

É contudo relevante compreender a forma como a vítima processa a informação na memória do trauma que experienciou, pois esse mesmo trauma poderá afetar a forma como a informação é processada no futuro, especificamente na forma como são codificados os eventos, construídos e sequenciados (Burgess, Hartman, & Kelley, 1990, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

Os indivíduos vítimas de abuso tendem a repetir o trauma, essencialmente devido à sua incapacidade de integrar as suas memórias dos episódios de violência e de interiorizar as suas experiências de abuso na sua memória. Desta forma, a experiência de violência é repetida emocionalmente, fisicamente, comportamentalmente e por via neuroendócrina (Kolk, 1990, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

As vítimas de abuso continuarão a repetir o trauma emocionalmente, pois aliam-se a indivíduos que continuarão a abusar delas de alguma forma. Repetem também o trauma, a nível comportamental, através não só da repetição, como da reencenação e deslocamento da experiência de violência (Burgess, Hartman, & Kelley, 1990, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012). Estas vítimas também repetem o trauma fisicamente, ao reviverem novamente a memória do abuso, que, muitas vezes, está sobre a forma da dor sentida nesses episódios (Brown, 1991, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012). Estas vítimas, ao reviverem os episódios de abuso na memória, faz com que os químicos do cérebro se libertem e impeçam com que o instinto de sobrevivência entre em ação (Kolk, 1990, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

Como resultado desta situação, as vítimas permanecerão vulneráveis a qualquer situação de abuso que lhes possa ocorrer, pois estas são incapazes de se puderem defender em qualquer forma de abuso (Kolk, Greenberg, Boyd, & Krystal, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

3. Teoria Social de Controlo

A teoria do controlo refere que a maioria dos conflitos familiares resulta de necessidades individuais de conseguir obter e manter o poder e controlo no centro das relações, relativamente ao parceiro/a. O agressor tem como principal objetivo controlar e exercer poder ao parceiro/a ou a qualquer membro da família (Bostock, Auster, Bradshaw, Brewster, Chapin, & Williams, 2002 cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

É frequente os agressores, através da violência, poder e controlo, conseguirem com que os membros familiares mais submissos se tornem seus cúmplices, proibindo-os de adotarem determinados comportamentos que reprovem, até conseguirem estabelecer regras ou ordens que levem a que as vítimas se comportem de acordo com o que é desejável pelos seus agressores (Goode, 1971, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

Os agressores utilizam várias formas de intimidação, tais como o isolamento, coação, poder económico e negação da sua própria culpa. Na maioria das vezes, as vítimas acabam por apreenderem a forma como devem responder às intimidações do agressor, sendo que as tentativas das mesmas em desafiar o agressor, poder-se-á tornar um perigo, bem como uma sobrecarga psicológica muito grande. Devido a isto, as vítimas, gradualmente, modificam os seus comportamentos e cedem o seu total controlo ao agressor, de forma a salvaguardarem-se física e psicologicamente do abuso sofrido. Muitas destas vítimas acabam por serem mantidas em casa devido ao poder de isolamento que os agressores promovem, incentivando com que as mesmas nunca procurem fugir do meio violento, devido à falta de apoio social (Bostock, et al., 2002, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

Alguns autores procuram entender o motivo porque existem famílias onde um membro é violento e outras onde esse membro não está presente. Segundo Lackey e Williams (1995), citado por Hyde-Nolan e Juliao (2012), algumas investigações feitas na área da violência doméstica descobriram que homens que tenham vinculações fortes com outras pessoas significantes e reações negativas ao medo destes indivíduos, têm menos probabilidade a virem a ser agressivos no seio da relação do que pessoas que não partilhem deste tipo de vinculações.

4. Teoria Social do Exossistema

Esta teoria foca-se nos stressores que sofremos durante a vida, que poderão ser episódios específicos ou experiências que excedem a capacidade que temos de mobilizarmos os recursos que temos disponíveis (Malley-Morrison & Hines, 2004, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

A mesma teoria refere que estes stressores são os preditores da violência doméstica. Exemplos de stressores que podemos vivenciar são a perda de um emprego, mudança para uma nova residência, uma relação extra-conjugal e ainda algumas situações quotidianas, como o pagamento das contas ou o trânsito. A existência de uma correlação direta entre a frequência e a perceção da ocorrência destes stressores com a violência doméstica num relacionamento é provável (Cano & Vivian, 2001, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

Porém, estes stressores não são, por si só, um preditor da violência doméstica. É necessário que, para além destes stressores, esteja também presente um historial de violência na família na infância, fraca satisfação no relacionamento e isolamento social (Malley-Morrison & Hines, 2004; Straus, 1980, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

O stress está, portanto, relacionado com casos de abuso durante a infância, que está presente em indivíduos que aprenderam a usar a violência, quando eram crianças, e que o uso da mesma, em membros da família, era sempre justificável. Contudo, se estes fatores não estiverem presentes, a ligação entre a violência na infância e o stress é mínima. No entanto, é ainda importante referir que o fator de stress, apesar de importante, não é por si só um preditor de violência doméstica (Malley-Morrison & Hines, 2004, cit. por Hyde-Nolan & Juliao, 2012).

III. Ciclo da Violência Doméstica

Segundo a APAV (2008), o ciclo de violência doméstica é constituído por três fases: a primeira, que se designa por fase de aumento de tensão, refere-se às tensões que vivenciamos no dia-a-dia e que, quando acumuladas, criam um mau estar geral, devido à incapacidade do agressor de as resolver, gerando, desta forma, um ambiente perigoso para a vítima, que muitas vezes é culpabilizada por estas vicissitudes. Isto serve de pretexto para o agressor direcionar as suas tensões na vítima, culpabilizando-a, por exemplo, de não ter feito as lidas da casa ou de não ter cozinhado satisfatoriamente ou, ainda, de ter chegado tarde a casa.

Segundo Walker (2008), nesta fase, a tensão cresce continuamente e a vítima vai-se tornando cada vez mais receosa do perigo eminente que o agressor representa, sendo que acaba por deixar de ter o controlo de responder às reações agressivas do agressor, que começam por serem verbais e, mais tarde, físicas, como por exemplo estalos e empurrões. Esta fase poderá perdurar por meses ou mesmo anos, sendo, por isso, um período muito angustiante para a vítima.

A APAV (2008) refere que a segunda fase é denominada por ataque violento, onde o agressor ataca a vítima física e psicologicamente, sendo que a mesma procura se defender até que o abuso termine. Estas agressões poderão ser de maior ou menor gravidade, tendo, algumas vezes, a vítima, de necessitar de cuidados médicos que nem sempre o agressor permite. Geralmente, estes ferimentos infligidos à vítima só ocorrem na segunda fase, sendo que a chamada da polícia à residência é somente frequente neste período (Walker, 2009). Esta fase é concluída com o término da violência, por parte do agressor, que trará uma elevada redução da tensão fisiológica associada às agressões. Desta forma, a violência é utilizada porque, para o agressor, funciona como resposta à resolução dos seus problemas (Walker, 2009).

A terceira e a última fase trata-se da lua-de-mel, onde o agressor, após o episódio de violência, demonstra arrependimento perante a vítima, fazendo, muitas vezes, promessas de que o seu comportamento mudará. É comum o agressor apresentar razões que justifiquem o seu comportamento para que a vítima o desculpe e tenha compaixão por ele. Muitos desses motivos apresentados pelo agressor poderão passar por o dia ter-lhe corrido mal, ter consumido álcool ou drogas e, ainda, é frequente o agressor culpabilizar a vítima por ter manifestado um comportamento que o mesmo reprove e que, por isso, tenha sido a motivação para o seu descontrolo. A forma como o agressor tenta desculpar o seu comportamento à vítima é feita de maneira sedutora, delicada, levando-a a acreditar que aquele momento de violência não se voltará a repetir (APAV, 2008).

Porém, o próprio agressor poderá acreditar que o seu comportamento violento deixará de existir, fazendo-se crer que não atuará nunca mais, da mesma forma. O agressor acaba por demonstrar o mesmo tipo de comportamentos que mostrou no início do namoro, pelos quais a vítima se apaixonou, numa primeira fase, e que se repetem agora aqui (Walker, 2009).

Segundo alguns estudos feitos por Walker (2009), ele verificou que esta fase revela uma ausência de violência e tensão e, também, de um comportamento amoroso com restrições, o que acaba por ser uma variável motivadora para a permanência da vítima na relação. Porém, em alguns casos, a percepção de perigo e tensão permanecem altas e o retorno

de uma fase amorosa com ou sem restrições não se realiza, surgindo com isto um elevado risco de que um acidente fatal possa ocorrer à vítima.

Ainda de acordo com a APAV (2008), todo este ciclo é experienciado pela vítima com medo, devido à violência pelo qual está sujeita; com esperança, pois acredita que o arrependimento do agressor é genuíno e que os episódios de violência não irão voltar a acontecer; e com amor, pois apesar de ser um relacionamento baseado em violência, podem ainda existir momentos positivos no seio do mesmo. Assim sendo, o ciclo de violência perpetua-se no tempo, podendo repetir-se por meses ou até mesmo anos, onde as fases de tensão e de apaziguamento serão de menor duração e a fase de ataque violento ser de maior duração e cada vez mais intensa. Apenas em situações mais extremas é que episódios destes, de violência, poderão resultar num homicídio (APAV, 2008).

IV. Violência Doméstica nos Homossexuais

1. Estatísticas e Características

Muitos estudos recentes apresentam uma grande limitação, na área da violência doméstica em homossexuais, devido à sua falta de atenção a esta problemática. Tanto homossexuais masculinos como femininos também experienciam violência doméstica nos seus relacionamentos e, também, nos núcleos familiares (Beckett & Macey, 2001; Bernhard, 2000; Harris & Cook, 1994; Johnson & Ferraro, 2000; Lie & Gentlewarrier, 1991; Renzetti, 1988, cit. por Kulkin, Williams, Borne, Bretonne, & Laurendine, 2008).

Alguns artigos publicados no Advocate revelaram que casais do mesmo género experienciaram violência doméstica com cerca de 29%, no ano 2000 (Condon, 2001, cit. por Kulkin, et al, 2008). Bimbi, Palmadessa e Parsons (2008), citado por Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead e Viggiano (2011) verificou também que 38% da sua amostra de homossexuais masculinos, femininos e bissexuais reportou situações de violência doméstica nas suas relações amorosas, sendo que 22% reportaram violência física e 34% violência não física.

Relativamente aos casais homossexuais masculinos e especificamente a estes, alguns estudos demonstraram que cerca de 30-40% reportaram terem experienciado violência física nas suas relações (Island & Letellier, 1991; Lockhart, White, Causby, & Isaac, 1994; Turell,

2000; Waldner-Haugrud, Gratch, & Magruder, 1997; Wood, 1987, cit. por Kulkin, et al, 2008).

Segundo Turell (2000), muitas vezes associamos a violência doméstica com um homem a abusar da mulher física, verbal e/ou sexualmente; contudo, alguns estudos feitos na área revelaram que a violência doméstica não se restringe a casais heterossexuais, sendo que este fenómeno é cada vez mais comum em casais do mesmo género. Este facto pode-se dever ao aumento de homossexuais que assumem a sua orientação sexual, publicamente, e os seus problemas no casal, do que era há uns anos atrás. Por isto, cada vez mais casais homossexuais reportam casos de violência no contexto das suas relações (Turell, 2000).

Tjaden, Thoennes e Allison (1999) verificaram que homossexuais que experienciaram situações de violência doméstica nos seus relacionamentos amorosos eram mais propensos a relatarem episódios de abuso sexual na infância e na idade adulta, violência física, pelos progenitores, na infância e violência física de qualquer tipo de agressor, onde se incluem os seus próprios parceiros.

Tjaden, et al., (1999) teve resultados semelhantes a outros estudos que revelavam que os homossexuais masculinos são mais propensos a reportarem uma situação de violência doméstica contra o seu parceiro do que homens de relações heterossexuais reportarem as mulheres agressoras.

Em outros estudos foi verificado que tanto nas relações homossexuais e heterossexuais, os agressores utilizam as mesmas formas de abuso, como a violência, a intimidação e abuso emocional, de forma a manterem o controlo e poder sobre as suas vítimas (Eaton, Kaufman, Fuhrel, Cain, Cherry, & Pope, cit. por Carvalho, et al., 2011).

Outros autores referem que as vítimas de violência doméstica, tanto em relações hetero como homossexuais, permanecem nas mesmas por diversas razões, como pelo amor que sentem ao agressor, por dependência financeira e emocional, medo de represálias e esperança que a situação de abuso mude (Cruz, 2003; Island & Letellier, 1991; Merrill & Wolfe, 2000, cit. por Carvalho, et al., 2011).

Relativamente aos casais homossexuais masculinos, é comum pensar-se que a violência doméstica não está presente na dinâmica destes casais, sendo pelo contrário, da ideia geral, que apenas os casais heterossexuais sofrem desta problemática, sendo isso uma limitação para eventuais investigações futuras (Merrill & Wolfe, 2000).

Desta forma, Klinger (1995), citado por Kulkin, et al., (2008) refere que o reconhecimento desta problemática entre a comunidade homossexual masculina seria benéfico para o combate à homofobia, tão presente nestas minorias.

A consequência que surge do silêncio dos homossexuais masculinos em reportarem estas situações de violência doméstica é a alienação e o isolamento inevitável que as vítimas acabam por vivenciar (Merrill & Wolfe, 2000).

Merrill e Wolfe (2000) referem que, tal como nas mulheres, vítimas de casais heterossexuais, os homossexuais masculinos não iniciam a agressão, sendo comum sentirem-se presos à relação e indefesos, perante o agressor.

No que se refere aos tipos de abuso experienciados pelos homossexuais masculinos, as mesmas autoras relatam que 87% afirmam terem passado por agressões físicas severas, 85% reportam terem sofrido de um abuso emocional, 90% referem terem passado por abuso relativo ao poder económico e 73% afirmam terem tido uma ou mais formas de abuso sexual. Merrill e Wolfe (2000) afirmam também que, tal como acontece nos casais heterossexuais, nos casais homossexuais masculinos, o ciclo de violência doméstica é o mesmo.

Alguns dos participantes utilizados nos estudos das mesmas autoras referiram que não teriam ocorrido quaisquer incidentes de violência física nos primeiros três meses da relação, sendo que 54% dos participantes revelaram que os primeiros incidentes violentos ocorreram entre os três meses e um ano na relação e 23% afirmam terem ocorrido após um ano na relação. Mencionam ainda que, tal como se passa nos casais heterossexuais, os casais homossexuais masculinos experienciam a fase de “lua-de-mel”, após ter ocorrido a fase de violência no casal. Também nesta fase, o agressor demonstra ser carinhoso e atencioso para com a vítima (Merrill & Wolfe, 2000).

Alguns estudos aprofundaram a investigação acerca do papel nos casais homossexuais masculinos. Landolt e Dutton (1997), citado por Kulkin, et al., (2008) referem que o papel homem/mulher, nos casais homossexuais masculinos, não é frequente acontecer. Na maioria dos casais homossexuais, pelo contrário, seguem um padrão igualitário no relacionamento. No entanto, segundo os mesmos autores, os casais homossexuais masculinos possuem um maior risco de ocorrência de violência doméstica, pois os dois parceiros são homens e biologicamente estão condicionados a dominarem e a controlarem-se um ao outro, sendo que neste ponto de vista os papéis assumidos na relação não têm relevância.

A acrescentar a este estudo, Klinger (1995), citado por Kulkin, et al., (2008), concluiu, através de uma revisão de literatura, que a violência doméstica nos casais homossexuais masculinos ocorre muitas vezes devido ao desequilíbrio de poder entre os dois parceiros; contudo Landolt e Dutton (1997), citado por Kulkin, et al., (2008) não confirma este estudo, referindo que a violência no casal é verificada em relacionamentos com o poder ou

dominância divididas, podendo indicar isto que a violência doméstica ocorre nas relações que são aproximadamente iguais.

Relativamente a psicopatologias associadas aos casais homossexuais masculinos, Landolt e Dutton (1997), citado por Kulkin, et al., (2008), desenvolveram um estudo com 52 casais homossexuais masculinos, onde encontrou indícios de características Borderline, que envolvem sentimentos de raiva e vinculações de tipo amedrontado ou preocupado e fracas relações parentais.

Outros estudos revelaram que, nos relacionamentos onde o homem era mutuamente agressor, a tendência de ocorrer violência dentro do casal era maior do que em relacionamentos onde um dos parceiros seria a vítima e o outro o agressor (Landolt & Dutton, 1997, cit. por Kulkin, 2008).

Outros estudos foram desenvolvidos para tentar compreender melhor as razões porque as vítimas de casais homossexuais masculinos se mantêm em relacionamentos abusivos. Um deles é o estudo feito por Merrill e Wolfe (2000) que revelaram que os motivos mais mencionados, pelas vítimas, passavam pela esperança de que o parceiro mudasse e pelo amor que sentiam pelo parceiro. Apenas alguns participantes deste estudo referiram que os motivos passavam pelo medo de serem agredidos, pela limitação de assistência, medo da solidão, perseguição do parceiro e pela lealdade para com o parceiro.

Porém, outra razão mencionada foi a limitação do conhecimento acerca da violência doméstica, que é dos principais motivos porque a vítima homossexual masculina permanece no relacionamento abusivo, devido às poucas ou nenhuma instituições de apoio a vítimas homossexuais masculinas que sofram de violência doméstica (Merrill & Wolf, 2000). Outra razão encontrada, e única entre casais homossexuais masculinos, é ser portador ou o parceiro ser portador de HIV (Merrill & Wolf, 2000).

2. Factores de Stress Promotores da Violência Doméstica

Como já foi referido anteriormente, existem alguns motivos comuns tanto a casais heterossexuais como homossexuais por que as vítimas permanecem num relacionamento abusivo, que vão desde o amor que as mesmas sentem pelo agressor, pela dependência económica e emocional, por medo de represálias e rejeição, e pela esperança de que o seu parceiro mude. Porém, também estes motivos representam razões para a origem de violência no casal (Merrill & Wolf, 2000).

Outro aspecto, comum na dinâmica entre casais homossexuais e casais heterossexuais, reside na presença de violência, stress e abuso de substâncias (Craft, Serovich, McKenry, & Lim, 2008; Eaton, Kaufman, Fuhrel, Cain, Cherry, & Pope, 2008; Murray, Mobley, Buford, & Seaman-DeJohn, cit. por Carvalho, et al., 2011).

Alguns estudos feitos por Craft, et al., (2008), citado por Carvalho (2011), descobriu que, tal como acontece nos casais heterossexuais, nos casais homossexuais, a relação entre os motivadores de stress, tais como o stress económico, familiar, relacional, laboral e a violência no seio do casal é mediada por um tipo de vinculação insegura entre os dois parceiros. Outros estudos revelaram ainda que a violência doméstica em casais homossexuais masculinos está correlacionada com sintomas depressivos e com o abuso de substâncias (Houston & McKirnan, 2007, cit. por Carvalho, 2011).

Desta forma, podemos concluir que não existem diferentes formas de violência doméstica entre casais heterossexuais e homossexuais, sendo também a frequência da violência a mesma entre os dois casais (APAV, 2008).

No entanto, apesar de existirem semelhanças entre as estratégias utilizadas pelo agressor, os tipos de violência, o ciclo de violência e as consequências para as vítimas, ainda existem alguns aspetos que diferem entre casais heterossexuais e homossexuais (APAV, 2008).

Segundo Meyer (2003), citado por Carvalho, et al., (2011), existe um modelo de stressores específicos à minoria homossexual. Este modelo inclui stressores interiores que se referem à abertura/ocultação da orientação sexual, à perceção de discriminação e à homofobia internalizada, e stressores exteriores que se referem à discriminação, a experiências atuais de violência e perseguição.

Um dos stressores é a internalização da homofobia que se refere às mensagens negativas da sociedade que são atribuídas à comunidade homossexual. Os sentimentos e pensamentos associados ao facto de se ser homossexual estão ligados a eventuais consequências negativas (Szymanski, Kashubeck-West, & Meyer, 2008, cit. por Carvalho, et al., 2011).

Desta forma, os agressores podem deslocar os seus sentimentos negativos, relativos ao facto de serem homossexuais, para as vítimas. As vítimas acabam por internalizar ideias homofóbicas devido às mensagens negativas que o agressor lhes envia, com o objetivo de eliminar o orgulho de se ser homossexual, reforçando, na vítimas, o sentimento de que é responsável pelo abuso (Balsam & Szymanski, 2005, cit. por Carvalho, et al., 2011). Contudo, é de referir que a internalização de homofobia não é, por si só, um preditor de violência no

casal. Somente conjugado com a discriminação atual é que poderá ser um preditor para a violência doméstica, sendo, no entanto, a discriminação que tem a maior correlação direta com essa mesma violência (Carvalho, et al., 2011).

Carvalho, et al., (2011) também verificou que a relação entre a internalização da homofobia e o primeiro ano de violência doméstica, no casal, é mediada pela qualidade do relacionamento, concluindo que as variáveis do relacionamento, as experiências e as características individuais são essenciais para entender melhor a dinâmica da violência doméstica, em casais homossexuais.

Associado ao que foi referido, a APAV (2008) também menciona a existência de uma ligação entre a identidade sexual e a violência no casal. Segundo a mesma instituição, para a maioria das vítimas, a sua orientação sexual está intrinsecamente ligada à violência experienciada no casal, sendo comum culpabilizarem-se por serem vítimas de um relacionamento abusivo, pelo facto de serem homossexuais.

A consciencialização do estigma é outro stressor específico de grupos homossexuais, que se refere à expectativa que os mesmo têm acerca de serem estereotipados e discriminados por outros que não pertencem à mesma orientação sexual (Pinel, 1999).

Posto isto, a consciencialização do estigma relaciona-se com as características individuais que refletem a realidade de se pertencer a um grupo considerado marginalizado pela sociedade (Pinel, 1999). De acordo com o mesmo autor, os homossexuais com elevados níveis de consciencialização do estigma são mais propensos a perceberem a discriminação que é direcionada a eles e, também, a elaborarem atribuições dessa mesma discriminação.

Outro estudo verificou que as minorias homossexuais e a internalização do estigma estavam correlacionadas positivamente com a depressão (Lewis, Derlega, Griffin, & Krowinski, 2003, cit. por Carvalho, et al., 2011).

Também foi encontrado por Carvalho, et al., (2011), a respeito da violência doméstica em homossexuais, que a internalização do estigma está correlacionada positivamente com o desejo de manter a violência do casal em silêncio, com o objetivo de proteger as vítimas homossexuais de um sistema legal homofóbico.

Pinel (1999) acrescenta que as pessoas com elevados níveis de internalização do estigma esperam, mais facilmente, em serem estereotipadas pela sociedade e, por isso, evitam situações nas quais poderão ser discriminados.

Deste modo, as vítimas homossexuais de violência doméstica ficam relutantes em procurarem a assistência de um sistema legal, com medo não só da discriminação, como da

presença de limitações de leis que os protejam, nesta situação em particular (Carvalho, et al., 2011).

Outro aspeto a destacar é a falta de preparação das instituições de apoio a vítimas homossexuais, devido à inadequação de programas sobre violência doméstica para esta minoria sexual, principalmente a homossexuais masculinos, o que leva a diversas formas de discriminação por parte dos sistemas de saúde e da lei policial (Ristock, 2005, cit. por Carvalho, et al., 2011).

De acordo com a APAV (2008), esta falta de apoio aos homossexuais, por parte das instituições de apoio à vítima e legais, está em grande parte ligada ao mito de que a violência doméstica é um problema apenas de casais heterossexuais, sendo que a representação desta mesma violência é feita por agressor homem a uma vítima mulher, devido à sua maioria estatística nesta problemática. Isto faz com que se acredite que as relações homossexuais são igualitárias e que, por isso, estão a salvo desta problemática (APAV, 2008).

Outro stressor, único em minorias sexuais, é a ocultação/divulgação da identidade sexual, que está relacionada com fatores tanto contextuais como sociais (Balsam & Mohr, 2007, cit. por Carvalho, et al., 2011).

A ocultação da identidade sexual leva a uma limitação no acesso de suporte social, mas, por outro lado, reduz a probabilidade de vir a ser rejeitado e discriminado por outros que não façam parte das minorias sexuais. Relativamente à divulgação ou abertura acerca da sua identidade sexual, aos outros, poderá levar a maiores vantagens não só na receção de apoio individual, como também por parte das comunidades homossexuais; no entanto, a divulgação da orientação sexual poderá levar ao aumento de consequências negativas relacionadas com a homossexualidade (Carvalho, et al., 2011).

Contudo, a abertura ou divulgação da identidade sexual poderá ser utilizada pelo agressor como um instrumento de intimidação, sendo, por isso, uma estratégia de violência psicológica utilizada em casais homossexuais. Desta forma, se a vítima não tiver revelado a sua homossexualidade aos seus amigos, no trabalho e/ou na família, o agressor poderá utilizar isso como uma forma de intimidação e controlo sobre a vítima, ameaçando-o de que irá denunciá-lo aos que lhe são mais próximos (APAV, 2008).

Estas situações poderão levar a que a vítima se isole da comunidade homossexual e também da sua família; a que se instale o mito de que, nas relações homossexuais, não existe violência doméstica, levando a que os homossexuais não se reconheçam como vítimas de violência doméstica; e a que os amigos e familiares de vítimas homossexuais não saibam que ações tomar em situações de violência doméstica (APAV, 2008).

V. Tipos de Violência: Violência Situacional no Casal e Terrorismo Íntimo

Johnson e Leone (2005) e Blasko (2008) referem existirem duas formas de violência entre casais heterossexuais: o terrorismo íntimo e a violência situacional no casal. Segundo os mesmos autores, o terrorismo íntimo é definido como a tentativa do agressor em dominar a vítima e em controlar todo o relacionamento amoroso. Essa dominação é revelada através de táticas de poder e controle, utilizadas pelo agressor, que incluem violência física.

O agressor utiliza, essencialmente, táticas de controle não violentas fisicamente, que poderão traduzir-se em abuso emocional, isolamento da vítima, manipulação através dos filhos, utilização através dos privilégios do homem/agressor, abuso económico, intimidação, ameaças e culpabilização. Estas são claras formas de violência ligadas a táticas coercivas, mas que, porém, não tem um sentido violento a nível físico, na dinâmica do casal. Contudo, isto não querará dizer que não ocorra agressões físicas; apenas é dada uma maior dimensão à violência psicológica no terrorismo íntimo, apesar de, em alguns estudos, ter-se verificado que os ferimentos provocados por agressões físicas são mais severos nesta categoria, mas isso depende do nível coercivo do agressor (Pence & Paymar, 1993).

Quanto à violência situacional, Johnson e Leone (2005) e Blasko (2008) definem esta como um tipo de violência que, em termos gerais, não está relacionada com comportamentos de dominância e controle por parte do agressor. As causas da origem da violência são específicas e podem variar de acordo com as características do casal, sendo os tipos de violência também diferentes, no mesmo casal, sendo que em nenhuma ocasião ocorre qualquer comportamento relacionado com controle ou domínio do agressor sobre a vítima (Johnson & Leone, 2005).

Este tipo particular de violência apenas ocorre em situações de conflito específicas que, posteriormente, desenvolvem para violência física (Bradbury, Rogge, & Lawrence, 2001; Gelles & Straus, 1998; Steinmetz, 1986; Straus & Gelles, 1990, cit. por Johnson & Leone, 2005). Estas agressões poderão ser ou não severas e frequentes (Johnson & Leone, 2005).

Segundo Blasko (2008), este tipo de violência parece ser a mais comum em casais que sofram de violência doméstica, de acordo com os terapeutas que recebem as vítimas desta problemática.

Os atos violentos, em ambas as formas de violência situacional e de terrorismo íntimo, poderão surgir através de comportamento aparentemente inofensivo, como empurrar ou abanar, e desenvolverem até ameaças de morte e eventuais homicídios. Essas agressões poderão, numa primeira fase, não ocorrerem, até passarem para uma fase em que se torna

pouco frequente, depois, numa fase, em que ocorrem casos isolados de agressão até à violência permanente (Johnson & Leone, 2005).

Em casos de violência situacional no casal, o relacionamento pode envolver áreas de conflito que estão continuamente por resolver, sendo que um dos parceiros ou até mesmo os dois preferem recorrer à violência numa tentativa de os resolver nesses contextos específicos de conflito. Já nos casos de terrorismo íntimo, apenas um único ato de violência poderá instalar o medo na vítima, que permitirá ao agressor poder controlar, através de táticas não violentas, mas, sobretudo, coercivas e com grande impacto psicológico e emocional (Johnson & Leone, 2005).

Desta forma, os níveis de controlo e domínio na relação, por parte do agressor, existem, sobretudo, em casos de terrorismo íntimo, não sendo portanto evidentes em casos de violência situacional (Johnson & Leone, 2005).

Outros aspetos ligados a estes dois tipos de violência foram encontrados por Macmillan e Gartner (1999), que descobriram, segundo alguns estudos, que o terrorismo íntimo tende a ocorrer mais em casamentos e a violência situacional mais em uniões de facto.

No que se refere às consequências que cada um dos tipos de violência trazem para as vítimas, foi constatado que, nas vítimas de terrorismo íntimo, existe uma maior tendência em ocorrerem sintomas depressivos e de stress pós-traumático, assim como ferimentos derivados das agressões, no casal, que são mediados pelo grau de controlo do agressor na relação (Johnson & Leone, 2005).

Piispa (2002), citado por Johnson, Leone e Cohan (2007), refere ainda que, nos casos de terrorismo íntimo, as vítimas que sofrem de abuso físico e abuso emocional severo reportam medo ao agressor, dificuldades no sono e na concentração e problemas de baixa auto-estima, comparativamente às vítimas que sofrem incidentes de violência, isolados, que não envolvem violência psicológica e emocional, tal como acontece nos casos de violência situacional.

Foi ainda constatado pelos estudos de Johnson e Leone (2005) que as vítimas de terrorismo íntimo experienciam, mais frequentemente, violência no relacionamento do que em casos de violência situacional. Johnson e Leone (2005) verificaram isto, com um estudo, onde 99% dos participantes, que se enquadravam num tipo de violência situacional, não experienciaram qualquer tipo de violência durante doze meses, comparativamente com 78% dos participantes, incluídos num tipo de terrorismo íntimo. Verificaram, ainda, que essa violência poderá ser mais severa e mais difícil de terminar, no terrorismo íntimo, do que na

violência situacional, o que não querará dizer que, nesta categoria, não possam ocorrer eventuais conflitos de elevado grau violento, a nível físico.

No que concerne ao pedido de ajuda, as vítimas de ambos os tipos de violência referidos tendem a procurar apoio nos amigos e parentes próximos. Contudo, nos casos de terrorismo íntimo, as vítimas tendem a adquirir a residência onde coabitaram com o parceiro, sugerindo que ainda existe o interesse em terminar, permanentemente, a relação ou procuram locais que sejam seguros, tais como abrigos para vítimas de violência doméstica e até mesmo hotéis (Johnson & Leone, 2005).

Johnson, Leone e Cohan (2007) e Blasko (2008) abordaram, também, estes dois tipos de violência, de acordo com a identidade de género. Desta forma, os mesmos autores referem que, no terrorismo íntimo, a violência utilizada, através de estratégias de controlo coercivas, pode ser manuseada em ambos os géneros, homens e mulheres, pressupondo isto que o terrorismo íntimo possa ocorrer em casais, tanto heterossexuais como homossexuais. No entanto, o terrorismo íntimo poderá ser mais visível em casais heterossexuais, uma vez que o agressor é maioritariamente masculino.

Os mesmos autores ponderam ainda que, nos casos de violência situacional, os agressores poderão ser igualmente homens ou mulheres, sendo que a probabilidade de ocorrer este tipo de violência é igual tanto para casais homossexuais como para heterossexuais.

VI. Projeto de Investigação

➤ Questões de Investigação

Mediante a revisão de literatura encontrada foram construídas as seguintes questões de investigação:

- Com que tipo de violência estarão mais relacionados os casais homossexuais, com a violência situacional do casal ou com o terrorismo íntimo?
- Existirá uma maior presença de táticas psicológicas ou físicas?
- Será que a variável estatuto da relação estará relacionada com o tipo de violência e táticas que são utilizadas na relação?
- Estará a consciencialização do estigma relacionado com a permanência da vítima no relacionamento abusivo?

➤ Método

1. Delineamento do Projecto

Este projeto tem um delineamento qualitativo exploratório, tendo como objetivo aprofundar mais o tópico da violência doméstica entre homossexuais masculinos, que ainda é muito limitada.

Desta forma, pretende-se perceber que tipo de violência está mais presente em casais homossexuais masculinos, se uma violência situacional ou terrorismo íntimo, e também que tipo de táticas são mais utilizadas no casal, se psicológicas ou físicas. Também procura-se saber se a variável “estatuto da relação” poderá ter um peso nesta distribuição.

Outro ponto importante é perceber se a verdadeira razão, de a vítima de uma relação homossexual permanecer com o seu companheiro violento, reside no medo da discriminação

social e na atribuição de estereótipos, que a façam, possivelmente, crer que o melhor é continuar na relação, por não ter outra alternativa.

No fundo, o âmago da questão deste projeto é entender melhor a dinâmica de uma relação violenta entre homossexuais masculinos, visto ser um tema ainda pouco explorado, hoje em dia.

Relativamente às variáveis deste projeto, as de critério, referem-se aos tipos de violência, terrorismo íntimo e violência situacional. Quanto à variável preditora, referem-se sobretudo ao estatuto da relação.

2. Amostra

Pretende-se que a população alvo seja apenas masculina, visto a investigação tratar-se de violência doméstica entre homossexuais masculinos, dando-se enfoque unicamente às vítimas envolvidas nesta problemática.

No que concerne às idades dos participantes, é relevante que possam ir desde os 30 aos 50 anos, de forma a que possamos reunir um grupo de possíveis vítimas de violência doméstica.

No que respeita à dimensão da amostra, seria importante que esta tivesse uma grande dimensão; porém, dada a população alvo em questão, a dimensão da amostra acaba por ficar um pouco limitada, devido ao difícil acesso à mesma. Deste modo, podemos apontar para uma amostra com dimensões a rondar os 20 participantes.

Desta forma, a amostra será intencional ou dirigida, pois estamos a referir-mo-nos a uma problemática de uma população específica, como a homossexual masculina.

Os locais onde podemos encontrar potenciais participantes para este estudo seriam em associações como a APAV (Associação de Apoio à Vítima), o IMLCF (Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses), a Comunidade GLBT Portuguesa ligada a sites online, bares com frequência de homossexuais e por conhecimentos.

3. Instrumento

No que respeita ao instrumento utilizado, foi construída uma entrevista baseada na revisão de literatura feita, que vai de encontro com as questões de investigação levantadas.

Desta forma, a entrevista (Anexo I) é composta por 17 perguntas, sendo que algumas estão associadas no mesmo contexto que outras.

Posto isto, esta entrevista começa com perguntas direcionadas a características demográficas como a idade, o nível educativo, o estatuto da relação e a profissão, sendo, no entanto, apenas relevante para o estudo o estatuto da relação.

Com isto pretende-se averiguar a existência ou não de um padrão de violência, consoante a variável estatuto da relação. Esta hipótese é exploratória, não tendo sido encontrados dados na literatura que confirmassem ou não a possibilidade da existência de uma relação entre os dois tipos de violência e a variável estatuto da relação.

As três questões, a seguir às características demográficas, referem-se ao desenvolvimento que a relação teve até aos primeiros confrontos violentos físicos ou psicológicos. Com estas perguntas pretende-se compreender como seria a dinâmica do casal, no início do relacionamento, e de que forma esta desenvolveu para comportamentos mais agressivos, verificando se foi por táticas mais psicológicas ou físicas e com que regularidade estas ocorriam. Estas questões vão clarificar a tendência do tipo de violência e de táticas que o agressor utilizava, no início da relação.

As seguintes três perguntas dizem respeito ao tipo de violência, em concreto, que era utilizado pelo agressor, bem como os motivos e a reação da vítima, perante a violência. Com estas questões pretende-se averiguar se estes conflitos seriam devido a causas mais ocasionais ou se, pelo contrário, permaneciam continuamente na dinâmica do casal. No fundo, o que se pretende verificar é se a violência desencadeada pelo agressor era maioritariamente física ou psicológica, com utilização ou não de técnicas de intimidação.

Nas restantes questões, pretende-se compreender o quadro psicológico da vítima, durante o tempo em que esteve no relacionamento e após o relacionamento abusivo, pois a tendência de ocorrência de sintomas depressivos e stress pós-traumático são maiores nos casos de terrorismo íntimo (Johnson & Leone, 2007).

Também é importante verificar como foi o término da relação e se houve, posteriormente, algum tipo de violência quer física quer psicológica, visto que, no terrorismo íntimo, a violência e controlo sobre a vítima são difíceis de terminarem (Johnson & Leone, 2005). Também é relevante compreender, através desta questão, a forma como a vítima ou o agressor terminaram a relação, pois segundo Johnson e Leone (2005), nos casos de terrorismo íntimo, a vítima, normalmente, termina a relação permanentemente e fica com a residência ou recorre a sítios de abrigo para sua segurança.

A penúltima questão serve para tentar compreender se a consciencialização do estigma é uma das razões ou única razão nomeada para permanência da vítima no relacionamento abusivo.

4. Procedimento

Antes de se recolherem os dados das entrevistas será explicado o âmbito do estudo, garantindo a confidencialidade das respostas, salientando que os dados fornecidos apenas terão importância no conjunto dos inquiridos.

A administração do instrumento será feita em ambiente privado e de forma individual, de modo a salvaguardar a intimidade dos participantes.

Quanto ao tempo estimado por cada questionário, irá depender do desenvolvimento da resposta que cada um dos participantes terá; por isso, estima-se que será variável.

➤ **Resultados Possíveis**

Apesar de alguns aspetos neste projeto não terem conclusões possíveis, por falta de suporte empírico que corrobore alguns pontos das questões de investigação elaboradas, ainda assim poder-se-á retirar algumas hipóteses de conclusão.

Segundo a primeira questão de investigação, a respeito dos tipos de violência que poderão ser mais comuns na dinâmica de um casal homossexual que sofra de violência doméstica, segundo algumas investigações de Johnson e Leone (2005) e Blasko (2008), tanto uma como outra poderão ocorrer em casais homossexuais; porém, é mais provável que a violência situacional possa ser o padrão de violência mais comum dentro dos casais homossexuais, pela igualdade entre géneros que recorrem a este tipo de violência, o que não acontece com o terrorismo íntimo que é mais frequente em casais heterossexuais, de acordo com os mesmos autores.

Contudo, é de salientar que os estudos feitos por Johnson e Leone (2005) são mais direcionados a uma população homossexual geral, e não restrita à masculina, o que leva a depreender que talvez os resultados esperados para esta população, em específico, poderão ser diferentes do que é esperado.

Relativamente à segunda questão de investigação, é possível que nos casais homossexuais masculinos possam ser adotadas mais estratégias físicas do que psicológicas na

resolução dos problemas, caso se verifique que a violência situacional é a mais presente entre estes casais. Se assim for, a resolução dos conflitos é feita por uma resposta agressiva física, que ocorrerá apenas ocasionalmente, mas que poderá ter consequências nefastas para a vítima (Johnson & Leone, 2005; Blasko, 2008).

Porém, não impede que possam surgir casos de terrorismo íntimo na amostra, e se for esse o caso, o mais frequente seria a utilização de estratégias psicológicas ligadas à intimidação, coação e controlo da vítima (Johnson & Leon, 2005; Blasko, 2008; Pence & Paymar, 1993).

No que respeita à terceira questão de investigação, não podemos tirar hipóteses de conclusões, por falta de suporte empírico que possa comprovar que a variável estatuto da relação possa ter influência no tipo de violência que é adotado pelo agressor de um casal homossexual masculino.

Todavia, segundo os estudos de Macmillan e Gatner (1999), o terrorismo íntimo tende a ocorrer em casamentos e a violência situacional em uniões de facto, o que nos leva a crer que, possivelmente, a maioria dos participantes terá tido uma união de facto com o agressor, caso se verifique que, na amostra de homossexuais masculinos, a violência situacional seja a mais presente.

A última questão de investigação diz respeito a um stressor predominante, nos homossexuais, que é a consciencialização do estigma social, que se refere à percepção que esta minoria sexual tem acerca da discriminação e mensagens negativas atribuídas à sua identidade sexual. Desta forma, esta última questão pretende averiguar se existe uma ligação ou não deste stressor com a permanência da vítima, numa relação considerada abusiva.

Posto isto, o resultado esperado é que o facto de a vítima querer permanecer numa relação deste tipo, poderá estar em muito ligado com o receio da discriminação que possa sofrer pelos outros, devido à sua homossexualidade e à crença de que nos casais homossexuais não existe violência doméstica.

Carvalho, et al., (2011) corrobora esta ideia, confirmando a existência de uma correlação positiva entre a consciencialização do estigma e o desejo de a vítima querer manter, em segredo, a violência que sofre na relação, de forma a proteger-se de um sistema legal fóbico. Desta forma, é esperado que se encontre a consciencialização do estigma como razão para a vítima se manter numa relação violenta. Contudo, não existem dados que confirmem que em casais homossexuais masculinos essa ligação possa ocorrer, podendo levar a uma resposta no sentido inverso.

Referências

- APAV. (2008). *Violência Doméstica*. Obtido em 10 de Outubro de 2014, de Associação Portuguesa de Apoio à Vítima: http://apav.pt/apav_v2/index.php/pt/
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*, 226-244.
- Blasko, K. A. (2008). *Prototypical Assessment of Same-Sex and Opposite-Sex: Intimate Partner Violence Using a Control-Based Typology*. Ann Arbor: ProQuest LLC.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. London: Hogarth.
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base*. London: Routledge.
- Carvalho, A. F., Lewis, R. J., Derlega, V. J., Winstead, B. A., & Viggiano, C. (2011). Internalized sexual minority stressors and same-sex intimate partner violence. *Journal Family Violence*, *501-509*.
- Guedes, S. P. (12 de Novembro de 2007). *Expectativas Conjugais de Jovens e das suas Figuras de Vinculação*. Obtido em 26 de Outubro de 2014, de Psicologia.com.pt: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0380.pdf>
- Henderson, A. J. Z., Bartholomew, K., Trinke, S. J., & Kwong, M. J. (2005). When loving means hurting: An exploration of attachment and intimate abuse in a community sample. *Journal of Family Violence*, *20*, 219-230.
- Hyde-Nolan, M. E., & Juliao, T. (2012). Theoretical Basis for Family Violence. In R. S. Fife, & S. Schrager, *Family Violence: What Health Care Providers Need to Know* (pp. 5-21). Wisconsin: Jones & Bartlett Learning.

- Johnson, M. P., & Leone, J. M. (2005). The differential effects of intimate terrorism and situational couple violence. *Journal of Family Issues* , 322-349.
- Johnson, M. P., Leone, J. M., & Cohan, C. L. (2007). Victim help seeking: differences between intimate terrorism and situational couple violence. *Family Relations* , 427-439.
- Kulkin, H. S., Williams, J., Borne, H. F., Bretonne, D. d., & Laurendine, J. (2008). A review of research on violence in same-gender couples . *Journal of Homosexuality* , 71-87.
- Macmillan, R., & Gartner, R. (1999). When she brings home the bacon: Labor-force participation and the risk of spousal violence against women. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 947-958.
- Margolies, L., & Leeder, E. (1995). Violence at the door: treatment of lesbian batterers. *Violence Against Women*, 1(2), 139-157.
- Merrill, G. S., & Wolfe, V. A. (2000). Battered gay men: An exploration of abuse, help seeking, and why they stay. *Journal of Homosexuality*, 39(2), 1-30.
- Nowinski, S. N., & Bowen, E. (2012). Partner violence against heterosexual and gay men: prevalence and correlates. *Journal of Aggression and Violent Behavior* , 36-52.
- Pence, E., & Paymar, M. (1993). Education groups for men who batter: The Duluth Model. New York: Springer
- Pinel, E. C. (1999). Stigma consciousness: the psychological legacy of social stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 114-128.
- Tjaden, P., Thoennes, N., & Allison, C. J. (1999). Comparing violence over the life span in samples of same-gender and opposite-gender cohabitants. *Violence and Victims*, 14(4), 413-425.

Turrell, S. C. (2000). A descriptive analysis of same-gender relationship violence for a diverse sample. *Journal of Family Violence, 15*(3), 281-293.

Walker, L. E. (2009). *The Battered Woman Syndrome*. New York: Springer Publishing Company, LLC.

ANEXOS

Entrevista

Que idade tem?

Nível educativo?

Estatuto da relação?

Profissão?

Como se conheceram?

Como foi o início do namoro?

Como a relação evoluiu até ao primeiro comportamento mais agressivo do seu companheiro?

Que tipo de comportamentos violentos físicos e/ou verbais que o seu companheiro tinha para consigo?

Como reagia a essas atitudes que o seu companheiro tomava?

Quais os motivos porque se geravam essas situações?

Sentia-se geralmente triste e sozinha? Tinha dificuldades em dormir e em se concentrar?

Como foi o término da relação e quem tomou essa decisão?

Houve algum comportamento mais agressivo que o seu companheiro tenha tomado após o término da relação? E nas semanas ou meses que se seguiram?

Por que motivo(s) se manteve num relacionamento abusivo?

Como se sente atualmente? É seguida por um psicólogo ou psiquiatra?